

A arte como instrumento de inclusão social: o caso do Projeto Coque Vive, Recife, Pernambuco¹

Betania Lemos Maciel²

Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA
Centro Latinoamericano de Estudos em Cultura – CLAEC

Resumo

Analisando o papel da cultura e da arte como ferramentas de inclusão social em contextos de vulnerabilidade socioeconômica e tomando como estudo de caso o projeto “Coque Vive”, na cidade do Recife, Pernambuco, exploramos como a comunicação popular e as expressões culturais locais são mobilizadas para combater estigmas e promover a participação cidadã. Nossa análise revela que o projeto, ao valorizar narrativas endógenas e práticas artísticas comunitárias, exemplifica os princípios da Folkcomunicação, transformando a arte em um mecanismo de resistência e emancipação social.

Palavra-chave: ativismo; documentário social; Folkcomunicação, comunicação popular.

A teoria da Folkcomunicação, desenvolvida por Luiz Beltrão (1980), propõe que grupos marginalizados utilizam suas próprias linguagens e expressões culturais para comunicar-se, resistindo às narrativas hegemônicas. Essa abordagem dialoga diretamente com iniciativas como o Coque Vive, projeto que atua na comunidade do Coque, periferia do Recife marcada por estigmas e exclusão.

A relação entre cultura e inclusão social é um tema central no debate contemporâneo sobre políticas públicas, especialmente em regiões marcadas por desigualdades estruturais, como o Nordeste brasileiro. Nesse contexto, projetos que utilizam a arte como meio de intervenção social destacam-se por sua capacidade de articular expressão criativa, educação e mobilização comunitária. O Coque Vive, iniciativa desenvolvida em uma das comunidades mais pobres do Recife, exemplifica essa dinâmica. Localizado em uma área associada a altos índices de violência e exclusão, o bairro do Coque enfrenta desafios históricos de abandono institucional e estigmatização midiática.

O objetivo de nossa pesquisa foi investigar como o projeto, por meio de linguagens artísticas, reconfigura narrativas sobre o território e seus moradores,

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação Social, professora titular da Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA. E-mail: betaniamaciel@gmail.com.

promovendo inclusão social e equidade, articulando os princípios da Folkcomunicação. Em última instância, as práticas do Coque Vive evidenciam como a arte se torna um veículo de comunicação horizontal e de afirmação identitária em territórios periféricos.

Nosso percurso metodológico baseia-se na observação participante indireta (via registros audiovisuais do projeto) e entrevistas publicadas com coordenadores e participantes do Coque Vive. Utilizamos também documentos institucionais e reportagens que abordam o impacto do projeto entre 2010 e 2023. A abordagem qualitativa prioriza a compreensão dos processos simbólicos e materiais que vinculam arte, identidade e transformação social.

No campo do audiovisual, o projeto destaca-se pela produção de documentários como “Coque Vive: A Vida Pulsa nas Quebradas” (2017), retratando a comunidade a partir de uma perspectiva interna e contrastando com a cobertura sensacionalista da mídia tradicional. Ao colocar câmeras nas mãos dos moradores, o projeto subverte a lógica de “retratar o outro” e empodera os jovens como narradores de suas próprias histórias. Essa prática ecoa os princípios do cinema comunitário, que entende a imagem como ferramenta de disputa simbólica (Carvalho, 2019) ou da “ética dialógica”, na qual a relação “Eu-Isso” – dá lugar a uma relação de respeito, confiança e diálogo, característica do “Eu-Tu” (Postali, 2021).

A inclusão social no Coque Vive materializa-se por meio de três eixos: o empoderamento individual visto pelos participantes que relatam aumento da autoestima e da capacidade de articulação política. Um jovem entrevistado no documentário afirma: “Antes, eu achava que o Coque era só tristeza. Agora, vejo que temos voz”. A formação em técnicas audiovisuais e gestão cultural também abre caminhos profissionais, com ex-alunos atuando em produtoras locais e projetos sociais.

Já o combate à estigmatização é realizado através da representação midiática do Coque, frequentemente associado ao crime, ignorando sua produção cultural. O projeto contrapõe-se a essa narrativa através de intervenções como o grafite de murais temáticos e saraus literários em praças públicas. Essas ações não apenas embelezam o espaço, mas também desafiam a noção de que periferias são “vazios culturais”. E ainda pode-se registrar a participação comunitária, o projeto adota uma gestão horizontal, envolvendo moradores na tomada de decisões, reuniões periódicas discutem desde a seleção de temas para oficinas até estratégias de captação de recursos. Essa prática fortalece o senso de pertencimento e estimula a responsabilidade coletiva.

Apesar dos avanços, o projeto enfrenta obstáculos vinculados ao contexto macroestrutural. A falta de investimento público contínuo limita a expansão das atividades, enquanto a violência urbana interrompe periodicamente as ações. Além disso, a ausência de políticas de proteção a artistas comunitários deixa os participantes expostos a riscos, como perseguições políticas e ameaças.

Reforçando a tese de que a arte é um direito humano (ONU, 2021) e não um privilégio, a democratização do acesso à produção cultural evidencia que linguagens artísticas podem ser instrumentos de crítica social e de reivindicação de cidadania. Essa perspectiva se alinha aos escritos de Freire (2000) sobre educação libertadora, nos quais a prática artística é entendida como ato político.

Ilustrando como a arte transforma realidades em contextos de exclusão, o projeto Coque Vive busca converter a dor em potência criativa, não apenas incluindo jovens socialmente, mas também redefine o papel da periferia na produção cultural brasileira. Seu legado ressoa além do Recife, oferecendo um modelo para iniciativas similares: a arte, quando enraizada nas demandas locais, é catalisadora de justiça social. Vemos assim que a Folkcomunicação permanece relevante no contexto digital, adaptando-se a novas linguagens (como o audiovisual) sem perder sua essência combativa. Ao articular arte, comunicação e inclusão social, o projeto mostra que a Folkcomunicação não é passado, é presente vivo, mas reforça a necessidade de políticas que reconheçam a cultura periférica não como “exótica”, mas como base para a construção de sociedades mais justas.

Referências

- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.
- CARVALHO, M. **Cinema de quebrada**: a estética da periferia. São Paulo: Olho d'Água, 2019.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 2021.
- POSTALI, T. Documentário de ética dialógica: a explicitação do encontro entre documentaristas e atores sociais. **Doc On-line**, n. 29, p. 155-156, mar. 2021.